

PORTA-VOZES DO DISCURSO: ENUNCIADOS POLÍTICOS DA AMÉRICA LATINA

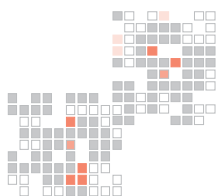
PORTAVOCES DEL DISCURSO: DECLARACIONES POLÍTICAS
DE LA AMÉRICA LATINA

*SPOKESMEN OF THE DISCOURSE: POLITCS STATEMENTS
OF LATIN AMERICA*

Antônio Sebastião da Silva

■ Doutorando pela UnB em Jornalismo. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Graduado em Jornalismo pelo Unitri. Atualmente é professor titular da FASAM e professor convidado da PUC-GO. Responsável pela implantação e coordenação do curso de Audiovisual da UEG, e professor substituto na Faculdade de Comunicação da UFG. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, Teoria do Jornalismo, Metodologia em Pesquisa da Comunicação.

■ E-mail: antoniosilva@gmail.com.



RESUMO

A disputa pela verdade e busca de consenso se mostra como um espaço delimitado pelos enunciadores ao construir suas narrativas, naturalização da palavra e dos saberes. De fato, não se trata de um território de modo a ordenar o sistema social. A verdade torna-se instrumento para se atingir o poder, na relação entre representação, simbólico e discurso, que resultam em enfrentamentos pela sem complexidade, pois os enunciados que permitem consensos surgem da sociedade, com participação efetiva dos meios de comunicação. Neste contexto, a análise será sobre o relacionar dos discursos para a existência de realidade política sobre a América Latina, ao observar os enunciados da Revista *Veja* na cobertura da campanha presidencial deste ano na Argentina.

PALAVRAS CHAVE: NARRATIVA; DISCURSO; POLÍTICA; AMÉRICA LATINA.

RESUMEN

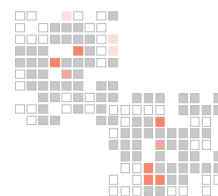
La lucha por la verdad y buscar el consenso demostrado por el área limitada por la construcción de sus enunciadores relatos así, para el sistema social. La verdad se convierte en un instrumento para alcanzar el poder en la relación entre la representación y el lenguaje simbólico, lo que resulta en los enfrentamientos y la naturalización de la palabra y conocimiento. De hecho, no es un territorio sin la complejidad, de las sentencias que permiten el consenso surgen en la sociedad, con participación efectiva de los medios de comunicación. En este contexto, el análisis estará direcciones a la existencia de la realidad política de América Latina, teniendo en cuenta las declaraciones de la cobertura de la revista *Veja* de la campaña presidencial, este año en Argentina.

PALABRAS CLAVE: NARRATIVA; DISCURSO; POLÍTICA; AMÉRICA LATINA..

ABSTRACT

The fight for truth and seek consensus shown by the area bounded by building their narratives enunciators so, order the social system. The truth becomes an instrument to achieve power in the relationship between representation and symbolic speech, resulting in clashes and naturalization of the word and knowledge. In fact, it is not a territory without complexity, for sentences that allow consensus emerge in society, with effective participation of the media. In this context, the analysis will be about of political reality of Latin America, noting the statements of *Veja* magazine in respect coverage of the presidential campaign, this year in Argentina.

KEYWORDS: NARRATIVE; DISCOURSE; POLITICS; LATIN AMERICA.



1. Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender os enunciados, numa relação entre enunciador e enunciação, que fazem parte da narrativa jornalística, com reflexos na sociedade devido aos fluxos contínuos de mensagens. A propósito, o texto da revista *Veja* de cobertura das eleições na Argentina será o recorte para esta análise. Embora seja um veículo que por décadas gere debate sobre seu posicionamento ideológico, não se trata de fixar a atenção na postura discursiva de um único meio de comunicação, ainda mais considerando a sociedade moderna, em contato permanente com as novas tecnologias.

Assim, este artigo, ao analisar matéria publicada pelo semanário paulista na terceira semana de abril¹, período que antecede às eleições presidenciais argentinas, visa compreender as estratégias usadas na busca incessante pela verdade dos fatos. Esta busca exige compreender os enfrentamentos pela afirmação de discurso, os quais apontam para a importância do texto jornalístico e suas implicações no mundo da política.

As técnicas na produção de textos narrativos para a enunciação potencializam a competência do enunciador com vistas ao poder e hegemonia de pensamento, que dependem da ordem de construção da realidade. Logo, a verdade na definição de consensos pode ser a chave para observar a comunicação e suas consequências, na condução de um sistema cada vez mais complexo.

Com apoio teórico de autores como Bourdieu e Foucault, este texto, que tem como proposta gerar dúvidas, sem ter convicções de certezas, tenta descortinar como os porta-vozes vão se apresentando nas narrativas, definindo discursos em confronto com outros num terreno pantanoso. Ainda como referência teórica, lançamos mão do conhecimento imprescindível de Gonzaga Motta, para tornar possível perceber como as narrativas se sistema-

tizam na organização de diferentes personagens, que fazem parte da arte de contar histórias, pois ficção e realidades estão imbricadas num mesmo espaço, objetivando as verdades que se pretendem simbolicamente consensuais.

2. A construção da realidade, uma questão teórica

A disputa pela verdade, certamente é, em essência, um dos pontos importantes na construção da realidade a ser demonstrada enfaticamente no texto, pois em torno das relações sociais estão os enfrentamentos de discursos que, por interesse de uma parte, são apresentados argumentos que favorecem determinados projetos, mas que dizem respeito diretamente à sociedade, numa perspectiva de passado, presente e futuro. Na discursividade se torna indispensável fazer emergir o invisível, que insiste em se ocultar e para tanto, a existência de um observador atento e onisciente é fundamental, no sentido de apresentar o que está velado, nas entrelinhas textuais, principalmente no processo eleitoral, com vistas à manutenção do modelo político de governo. Os enunciados se tornam meios na formação de conhecimento do público, que terá ação decisória nas transformações sociais, definindo caminhos e organização dos indivíduos, de maneira sistêmica.

Se a análise não serve para todas as matérias jornalísticas, esta seria, a princípio, a forma em que se expressa a revista brasileira *Veja*, quando se trata das eleições presidenciais na Argentina, num pleito que tem à frente nas pesquisas a atual presidente e candidata à reeleição Cristina Kirchner, sucessora do marido Nestor Kirchner no governo do país da América Latina, objeto de análise deste artigo. Uma construção de realidade que, por indução, se relaciona com o posicionamento do semanário sobre a região, que lança mão de narrativa, visando à organização da sociedade.

A rigor, a manutenção, a funcionalidade e o equilíbrio da sociedade têm reflexos na ordem sistêmica, a qual depende das relações que ocor-

¹ A matéria foi publicada na edição do dia 19 de outubro de 2011, semana antes das eleições presidenciais.

O que sobressai, como consequência, é saber como separar o verdadeiro do dissimulado no campo jornalístico.

rem no seu interior, perpassadas pela comunicação, capaz de gerar conhecimento e formação. Desta maneira, a comunicação deve ser observada pelo “fato de a sociedade ser analisada como um sistema complexo, que tende para a manutenção do equilíbrio, composto por subsistemas funcionais” (Wolf, 2001, p. 66), dentre eles estão a mídia e a política.

Desta forma, a narrativa ganha importância no interior do sistema, no sentido de observar os rumos propostos pelas vozes que anunciam e atestam suas verdades ao longo dos textos jornalísticos, sobremaneira na contemporaneidade, que se apresentam nos sites, nas emissoras de rádio e televisão e páginas de veículos impressos. Embora não seja este o único lugar da comunicação, o dos emissores, entretanto, os enunciados dos meios noticiosos se propagam com eficiência, fazendo parte do imaginário nos diferentes espaços sociais.

Em síntese, os enunciados da revista *Veja* sobre a campanha presidencial na Argentina (no Brasil ou em outro país da região), no campo político, de maneira especial, potencialmente, resultam em debates e discussões sociais, que podem culminar com mudanças de comportamento do eleitor, com reflexo no presente e no futuro. Assim, a construção da realidade se efetiva na diegese² textual jornalística.

Na sua análise, Bourdieu destaca que na relação dos *campos* hierarquizados situa-se o que ele denomina de “mercado linguístico”, o qual se faz um espaço pré-construído, sendo que a composição de grupo é determinada previamente. “Para

compreender o que pode ser dito e sobretudo o *que não pode ser dito* (grifo do autor) no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo de locutores” (Bourdieu, 2010, p.55). Neste sentido, o jornalista ganha importância, pois, destaca o autor, ele “exerce uma forma de dominação (conjuntural não estrutural) sobre um espaço de jogo que ele construiu, no qual ele se acha colocado em situação de árbitro, impondo normas de ‘objetividade’ e de ‘neutralidade’” (2010, p. 55).

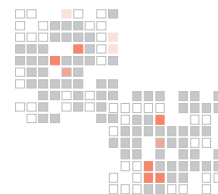
Ao enunciar³, aquele que narra demarca o seu lugar no espaço social, de maneira que, ao delimitar fronteiras, produz mudanças no ser, no indivíduo, na sociedade – ainda mais considerando o fluxo de informação sugerido pelos meios de comunicação centralizados. Assim, a realidade vai se descortinando na representação da verdade estabelecida – no desenrolar da narrativa jornalística -, pois “os narradores dos mitos e da literatura não se atêm aos fatos nem procuram ser fieis à realidade, ao contrário, criam suas narrativas e procuram impregná-las de valores morais, éticos e estéticos” (Motta, 2005, p. 25).

3. Enunciação da verdade

Se a narrativa está para a ordenação dos fatos, nos enunciados as verdades surgem como o eixo central de um discurso que revela a busca de consenso, de acordo com as matrizes de pensamento definidas pelo narrador, de forma que há um confronto entre posicionamentos dos enunciados que se apresentam nos embates políticos. O que sobressai, como consequência, é saber como separar

2 Conforme MOTTA, “a diegese é o conjunto significativo integral da história (o universo do significado, o mundo virtual ao qual a história remete) que se expande para abrigar o desenvolvimento sintagmático e paradigmático” (2005, p. 57).

3 Numa referência ao que o autor chama de “discurso performativo”, pois a sua eficácia “pretende fazer sobrevir o que ele enuncia daquele que o enuncia” (Bourdieu, 2010, p. 116), cuja essência está na definição ou determinação do simbólico.



o verdadeiro do dissimulado no campo jornalístico. Por outro lado, será necessária a desconstrução das ideias de consenso formadas pelos agentes políticos. Desvelar a verdade, desta forma, resulta na missão do enunciador que se mostra um observador privilegiado e competente para classificar e dar a existir.

Assim, paulatinamente, em seu tempo, conforme o desenrolar da história, a informação permite outras concepções sobre o que é dito, fazendo emergir o não dito, nos diferentes contextos, por vezes questionável, permitindo a inserção de novos conhecimentos dos fatos no social, numa espécie de embate discursivo. Para Foucault,

A história deste recobrimento seria aproximadamente a própria história do saber na sociedade ocidental desde a Idade Média; história que não é a do conhecimento, mas sim da maneira pela qual a produção da verdade tomou a forma e se impôs a norma do conhecimento. [...] Procedimento cujo resultado é determinado pela concordância de vários indivíduos sobre um fato, um acontecimento, um costume, que passam então a ser considerados como notórios, isto é, podendo e devendo ser reconhecidos (Foucault, 1979, p. 116).

O autor francês é mais enfático ao avaliar que a verdade está na relação da “passagem” entre “verdade/prova à verdade/constatação” (1979, p. 116). A rigor, há um “ritual de produção [da verdade] que toma corpo numa instrumentação e num método a todos acessíveis e uniformemente eficaz; saída que aponta um objeto permanente de conhecimento e que qualifica um sujeito universal de conhecimento” (1979, p. 116).

Seria simplista a afirmação de que este “sujeito universal do conhecimento”, descrito pelo autor, seria oriundo dos diversos meios de comunicação que reproduzem discursos, pois se deve entender que a verdade se estabelece a partir dos enunciados que se formam na própria sociedade, que re-

sultam das relações sociais. Porém, a mídia ganha destaque em suas narrativas, nas quais emergem discursos em busca de consenso para a verdade desvelada. Neste sentido Foucault é enfático,

Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de produção não podem dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade (Foucault, 1979, p.179-180).

Efetivamente, pode-se avaliar que a competência discursiva e o uso da “tecnologia”⁴ estabelece espaço privilegiado para formar conhecimento, de modo a definir ações que gerem resultados na condução da sociedade.

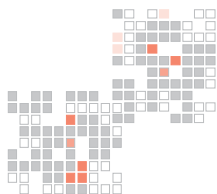
Entretanto, o poder de orientar os indivíduos no sistema, nesta análise, não resulta apenas no uso dos meios de comunicação tradicionais – como é o caso de *Veja*. As verdades estão em disputas permanentes e em maior nível de complexidade, nos tempos atuais.

No final, as narrativas produzem diferentes histórias, cujo resultado político destoa da proposta de verdade estabelecida por grupos de enunciadores, neste contexto, representados por uma espécie de consenso discursivo midiático.

Pois, Cristina Kirchner vence as últimas eleições presidenciais com grande margem de aceitação⁵,

4 Foucault faz referências às tecnologias que permitem a definição de dados, estatísticas que comprovam a verdade ao analisar as descobertas de técnicas voltadas para as conquistas de terras e riquezas. Assim, “A verdade não tem mais que ser produzida. Ela terá que se representar e se apresentar cada vez que for procurada” (1979, p. 117).

5 A presidente Kirchner que ao longo dos últimos anos não obteve apoio da parte da mídia da Argentina, sendo o grupo Clarín seu maior adversário no campo político, com oposição ao seu governo e retaliação pelo governo.



Sistematicamente o discurso direto cabe a alguns enunciadores que coadunam com a representação estabelecida.

ainda no primeiro turno, sem ser ameaçada pelos adversários políticos de outros partidos, alguns dos quais mais próximos dos discursos de economia liberal, disseminados pelos países desenvolvidos⁶.

As eleições no Brasil em 2010 também servem de exemplo dos resultados de definição de enunciados midiáticos, pois Dilma Rousseff, que de última hora se filia ao Partido dos Trabalhadores (PT), e, apoiada por Luiz Inácio Lula da Silva, obtém vitória, ainda que no segundo turno, superando seus adversários. Alguns deles tradicionais na política nacional, como é o caso de José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), apoiado por parte considerável da grande mídia brasileira⁷.

4. Os porta-vozes da enunciação

Apesar das limitações metodológicas, com apoio teórico de Bourdieu sobre poder simbólico⁸ e os porta-vozes da política, faz-se possível compreender nas narrativas, seus os enunciados e verdades, que se referem aos acontecimentos políticos, como é o caso de matéria sobre eleições presidenciais na Argentina.

6 Principalmente, Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha com ações político-econômicas em diversos países, seja através de medidas econômicas ou imposição de ordem política, visando democracia conforme essência do sistema capitalista.

7 Entre eles o jornal *O Estado de S. Paulo*, que em editorial, em dias que antecedem as eleições, se posiciona em favor de Serra. Entretanto, de maneira menos aberta outros veículos com grande audiência, como a *Folha de S. Paulo* e revista *Veja*, indiretamente deixam pesar na objetividade jornalística seu conteúdo em favor do candidato tucano.

8 Que, para o autor, “o capital político é uma forma de capital simbólico, *crédito* firmado na *crença* e no *reconhecimento* ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa” (grifos do autor) (Bourdieu, 2010, p. 187).

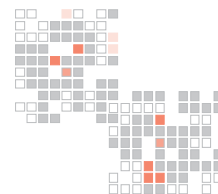
Por outras palavras, a palavra do porta-voz, deve uma parte da sua “força de elocução” à força (ao número) do grupo para cuja produção como tal ele contribui pelo acto de simbolização, de representação; ela tem o seu princípio no acto de força pelo qual o locutor investe no seu enunciado toda a força para cuja produção o seu enunciado contribui ao mobilizar o grupo a que ele se dirige (BOURDIEU, 2010, p. 187).

Os enunciados, portanto, não estariam desprovidos de representação que se elaboram na definição de discursos que sacramentam o real, a partir das verdades anunciadas pelo locutor, os quais possibilitam a mobilização em torno das propostas, sejam econômicas e/ou políticas. Neste embate efetiva-se a capacidade do enunciador de classificar ou evidenciar discursos, no sentido de formar conhecimento, instituído de poder simbólico⁹.

Deste modo, nem todos os personagens da narrativa ganham voz na formação do discurso, como é o caso da matéria publicada pela revista brasileira, como se verá na sequência. Sistematicamente o discurso direto cabe a alguns enunciadores que coadunam com a representação estabelecida, em consonância com a ordem de pensamento definida pelo narrador¹⁰. Nesta direção, deduzem-se quais são os que se alinham entre os bons, maus, competentes, dissimulados, verdadeiros; índices do posicionamento do enunciador. O objetivo, enfim, vai dando lugar aos referenciais que apon-

9 Pois, “o poder simbólico é um poder que aquele que lhe credita, uma *fides*, uma *auctoritas* (grifos do autor), que ele lhe confia pondo nele a sua confiança” (Bourdieu, 2010, p. 188).

10 Por uma questão metodológica não há distinção entre jornalista que assina a matéria, Duda Teixeira, e a revista *Veja*. Pois se pressupõe que ao ser publicado o conteúdo passou pelo filtro do editor, da linha editorial do veículo, o qual torna difícil distinguir até onde o texto é uma produção da profissional ou do semanário.



tam o lugar de fala do texto, permitindo a passagem visível do neutro e imparcial ao subjetivo.

5. A enunciação da verdade política

Com a dinâmica da sociedade, as crises econômicas financeiras que atingem os países considerando líderes globais, permitindo questionamento sobre a ordem social, fazem de países em desenvolvimento, como Brasil e Argentina, importantes jogadores (players) na contemporaneidade. Em essência, a vitória de um candidato que mantenha o modelo vigente e aquele que propõe rupturas significa diferenças em escala mundial.

Nesta perspectiva, o narrador¹¹ da revista *Veja* não deixa dúvida quanto ao seu posicionamento crítico e político logo no título da matéria, assinada pela jornalista Duda Teixeira¹²: “*A eleição do nestornauta*”¹³ em destaque, tendo ao lado o ex-presidente Nestor Kirchner em preto e branco, caminhando em forma de um personagem em quadrinho no fundo do mar; que muito se assemelha ao um fantasma, compreendendo de baixo a cima toda a altura da página, ao lado de cartazes com propaganda de Cristina Kirchner, com slogans de campanha, tendo em plano secundário, borrada, a figura de um homem puxando um carrinho de mão, que ilustra a relação da campanha com as pessoas carentes do país. Portanto, três elementos que se compõem em um enunciado, formando um conjunto de signos que se verá na matéria.

No subtítulo a evidência do posicionamento do enunciatador no enunciado quanto à política da

família Kirchner: “*Com gastos excessivos em clientelismo e uma campanha que atribui ao falecido Kirchner a aura de super-herói argentino, Cristina vai às urnas confirmar o poder do clã*”.

Os adjetivos do título e subtítulo se são eficientes para definir o discurso do texto, logo não se fazem suficientes para avaliar qual o ponto que a matéria pretende chegar ao longo da narrativa.

Na essência, como solução será necessário compreender a *verdade*, que se mostra num discurso dissimulador e velado, cujo objetivo é a perpetuação no poder de um governo que passa de mão em mão dentro de uma mesma família, e na contramão da democracia. Subentende-se que a reeleição de Cristina Kirchner seria reprovada pelo enunciatador que exige do eleitor mais consciência¹⁴, o qual deveria ter acesso ao conhecimento libertador: o da verdade.

Inicialmente, já no primeiro parágrafo a desconstrução de um governo que conseguiu superar a crise que abateu sobre os argentinos por anos, pois, “Nestor Kirchner teve a sorte de governar o país durante um período de recuperação econômica, por condições externas favoráveis”, ou seja, o sucesso faz parte de um sistema de crescimento econômico global, o qual beneficiou a todos, indistintamente. Além do mais, a família perpetua alternando ora marido, ora esposa no poder. Embora, com a morte de Nestor, nem mesmo assim foi o suficiente para o fim do clã. A rigor, “o fantasma do político fez bem à candidatura da viúva”, pois saiu da casa de 13%, há um ano, para mais de 50% de intenções de votos, em condições de vencer ainda no primeiro turno. Para tanto, instrumentalizando a tradição popular nacional ao culto do herói, o filho do casal, Máximo Kirchner, popularizou a figura de um famoso personagem em quadrinho, o “eternauta” em “Nestornauta”, com feições heroicas de Nestor Kirchner.

14 Efetivamente não é possível definir eleitor de qual nação o enunciatador direciona suas afirmações. A rigor, poderá ser formadores de opinião de uma sociedade que se propõe globais.

11 Nesta análise será preferível a denominação de narrador e não locutor, por entender que aquele tem participação mais efetiva na construção da história, e não apenas que reproduz o texto previamente determinado.

12 Ao lado do nome da jornalista está “direto da Argentina”, o que demonstra uma cobertura feita diretamente do país, sem uso de agências. Trata-se, portanto, do primeiro relato do fato e não a repetição de enunciados.

13 Matéria publicada na página 94, na editoria de internacional, no dia 19 de outubro de 2011. As eleições no país ocorreram no dia 23 do mesmo mês, portanto, a última edição do semanário antes do pleito.

O culto ao mito da população serve como forma de manipular o eleitor, com uso da memória do político (fantasma) no sentido de se obter resultados, que deverão ser nefasto para o país. Evidenciava-se o questionamento de um consenso, sobre o qual se organiza para a exploração da cultura social. Aqui a decisão do eleitor é questionada, na competência para realizar escolhas políticas pertinentes, conforme prerrogativas do enunciador, que tenta impor sua visão de mundo.

No universo político, “Cristina também recorreu ao clientelismo para garantir apoio nas urnas, uma ferramenta de eficiência comprovada no país que inventou o peronismo”¹⁵. A exemplo do Brasil, de um governo assistencialista, ataca o enunciador: “hoje, um em cada quatro argentinos recebe algum tipo de ajuda governamental. Há desde o equivalente ao Bolsa Família brasileiro até pagamento de aposentadoria a quem nunca contribuiu para a previdência e a distribuição de 3 milhões de netbooks para alunos de escolas públicas”. Em suma, para não deixar dúvida surge o cidadão-personagem, que em discurso direto afirma: “nunca um presidente fez tanto para nos ajudar, diz Ernesto Ávila, caminhoneiro de 35 anos de La Matanza, cuja família é beneficiária em dois programas assistencialista”. O enunciado evidencia a ingenuidade do eleitor. Se não coaduna com o discurso do enunciador ninguém escapa.

Logo adiante Hugo Chávez surge como instrumento de crítica para o projeto “mercados concentradores”, o qual permite a população comprar carnes e peixes por um terço do valor normal. Continua a análise negativa da atual política de Estado, “as contas de luz e de água e as passagens de ônibus e de metrô também são subsidiadas e representam 22% dos gastos do governo”. No final, tudo isso representa a compra “institucionalizada” de votos, mas que esvazia o cofre público.

Os problemas virão, sentencia a matéria. O enunciador dá pista de sua preferência a um sistema de economia liberal, para um Estado mínimo.

Se até então, os personagens da narrativa se apresentam de caráter duvidoso na desconstrução da política estatal argentina, surge a voz da oposição que está em sintonia com a revista, pois, “a inflação é o imposto escondido que todo argentino paga. A cada ano que passa, o salário compra menos”, disse à *Veja* o candidato do Partido Socialista, Hermes Biner, o segundo colocado nas pesquisas”, entretanto, sem destacar o seu apoio popular nas eleições, que o distancia do primeiro colocado, Cristina Kirchner.

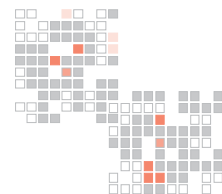
6. O enunciador faz emergir a verdade

O governo mente sobre o aumento da inflação, entretanto, “para atenderem à demanda de empresários e bancos, algumas consultorias privadas passaram a divulgar *índices realistas* (grifo nosso). O governo reagiu com multas e processos penais.” Ao longo dos enunciados, as evidências de uma disputa entre as propostas do Estado assistencialista e do setor privado, afinal, neste confronto os índices dos empresários e bancos são realistas. Neste ritmo, nem mesmo a justiça escapa à crítica do enunciador: “no mês passado, um juiz kirchnerista¹⁶, como forma de intimidação, pediu os dados pessoais de jornalistas que divulgavam os números reais de inflação”. Se não contempla a visão de mundo do enunciado estabelecido, logo recebe as alvejas do enunciador.

Na busca de ratificar o discurso do semanário, o enunciador lança mão do campo científico, pois, o economista Juan Luis Bour, de Buenos Aires, torna-se fonte e sentencia: “em algum momento, nos próximos dois anos o governo terá de dar más notícias, como o fim dos subsídios”.

15 Mais uma vez o eleitor é avaliado como vulnerável às promessas políticas, sem se dar conta da falta de consciência política, vulnerável aos apelos emocionais, populista, que o aproxima do fascismo.

16 Ou seja, se posiciona em favor do governo, pressupõe manter relações de envolvimento político com a família no poder, por isso, a denominação de juiz Kirchnerista.



Na busca da verdade, nem mesmo os jornalistas passam incólumes, nos programas de esporte de TVs estatais “os comentaristas fazem elogios rasgados ao governo. Jornais chapas-brancas sustentados com dinheiro dos impostos são distribuídos gratuitamente nas padarias, no metrô e nos aviões da Aerolíneas Argentinas”. Portanto, a busca de uma verdade, condiciona a elucidação dos interditos da parte questionada, desde os enunciadores, os seus porta-vozes, sobretudo os seus enunciados.

As ONGs não escapam à crítica, pois a que reúne as mães da praça de maio, que lutam pelos desaparecidos durante a ditadura militar do país, faz coro na farra estatal com a família Kirchner. “Governadores de províncias eram orientados pela Casa Rosada a fazer acordos com as mães, pois só assim receberiam a verba federal”. Mas há denúncia de corrupção sobre as entidades: “as mães usavam dinheiro público para comprar cartazes e promover atos em favor de candidatos do governo, confirmou à *Veja* um dos envolvidos, Sérgio Schoklender”. Portanto, a fonte confirma as afirmações de *Veja*, e a rigor, trata-se de alguém que tem conhecimento, uma pessoa envolvida com os atos de corrupção, com ligações com o governo de Kirchner.

Finalmente, a presidente eleita perpetuará no poder, sendo mais longa do que Juan Domingos Perón e Carlos Menem, que dominaram o país por longos 10 anos; os Kirchners ficarão, com o novo mandato, por 12 anos e meio estabelecidos na Casa Rosada, sede do governo. Ainda há proposta, a exemplo de Chávez da Venezuela, de se perpetuar no poder, pois a deputada kirchnerista Diana Conti propõe a reeleição indefinida para um governo “Cristina eterna”. Em essência, nada mais adequado que o nome do personagem em quadrinho, “eternauta”, “muito propício como símbolo de uma família que quer se perpetuar no poder”.

Conforme se pode observar o jornalista como narrador da história, não se evidencia, mas fica clara a presença do semanário que se apresenta, quando destaca as frases: confirmou à *Veja*, disse à *Veja*,

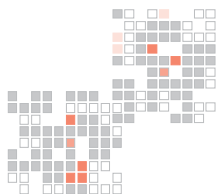
com o nome da revista em destaque. Sinais de que o enunciado se relaciona com a ordem discursiva, conforme linha editorial da empresa de comunicação. Todavia, não se desconhece sua presença como locutor-enunciador, contudo os sinais de enunciação ficam por conta do veículo-empresa.

Na narrativa, de maneira estratégica o enunciador se cerca de fontes que apenas ratificam as verdades afloradas no texto, sendo que os enunciados contrários são rapidamente apresentados e desconstruídos, como se perseguisse o não dito obscuro e perigoso para os interesses sociais, de uma sociedade global.

7. Conclusão

Com uma sociedade cada vez mais envolvida nos atos comunicativos, nada mais importante do que entender as narrativas na modernidade, as quais permitam formar conhecimento e comportamento social, resultando em ações que dizem respeito a toda humanidade, globalizada. A compreensão das verdades e seus porta-vozes pode ser um método para se observar os caminhos percorridos pela sociedade, pois a formação de consenso torna-se importante para a tomada de decisões, sobretudo política, com vista à democracia, a qual oferece oportunidade aos indivíduos pertencentes a um sistema complexo.

Como se tentou mostrar neste artigo a narrativa exige personagens que, dispostos no texto do jornalismo, permitem a concepção de neutralidade e objetividade, mas no final o enunciador faz emergir discurso que chame a atenção dos espectadores para seus enunciados-verdades, os quais serão responsáveis por ações no presente e futuro, na delimitação da organização do sistema social. Neste sentido, o jornalista como enunciador não está só nesta jornada, pois se torna perceptível a presença da linha editorial do veículo-empresa delimitador na definição de horizontes, no mundo moderno (ou mesmo pós-moderno); e outros enunciados de outros campos.



Como observação, não se trata de defenestrar um veículo de comunicação ou outro, a rigor. Os agentes de representação simbólica obtêm participação maior ou menor, para cada segmento, conforme disponha de tecnologia para fazer valer sua força e poder, em busca de consenso, num mundo

de enfrentamentos e decisões permanentes. Disputas discursivas, hoje mais do que nunca, atingem a todos, sobretudo em regiões que conseguem ascensão frente às crises, que afetam as nações da ordem político-econômica global, como é o caso da América Latina, com seu território, cultura e narrativas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Astúcias da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística*. Brasília: Casa das Musas, 2005.

TEIXEIRA, Duda. *A Eleição do nestornauta*. *Veja*. São Paulo, ano 44, edição 2239, n. 42, 19 out. 2011. p. 94-97.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

